



Adaptação, tradução: o que há em um nome?

Adaptation, translation: what's in a name?

Alvaro Luiz Hattnher*

Resumo: Já faz algum tempo que os campos dos Estudos de Adaptação e dos Estudos de Tradução têm acenado mutuamente a certa distância um do outro, em um contato marcado muitas vezes por um possível temor de descaracterização ou perda de identidade de cada uma dessas áreas de investigação. Na verdade, as teorias de adaptação têm usado amplamente o termo ‘tradução’ para representar o processo de transformação que pode ocorrer entre arquiteturas textuais diferentes. Por sua vez, os estudiosos e, em especial, os profissionais da tradução usam o termo ‘adaptação’ para descrever procedimentos que, na verdade, representam o ato tradutório em si. Esse uso de ‘adaptação’ parece criar uma zona de conforto especial que pudesse abrigar tudo o que fosse um desvio dos posicionamentos de idolatria ao ‘texto original’. Examinar as formas como tais termos são empregados, em especial no Brasil, pode nos ajudar a repensar suas definições e limites.

Palavras-chave: Adaptação; Tradução; Definição; Literatura; Cinema.

Abstract: For some time now, the fields of Adaptation Studies and Translation Studies have been mutually waving at a certain distance from each other, in a contact often marked by a possible fear of mischaracterization or loss of identity of each of these areas of investigation. In fact, adaptation theories have widely used the term ‘translation’ to represent the process of transformation that can occur between

* Professor assistente-doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: alvaro.hattnher@unesp.br.

different textual architectures. In turn, scholars and, in particular, translation professionals use the term ‘adaptation’ to describe procedures that actually represent the translation act itself. This use of ‘adaptation’ seems to create a special comfort zone that could shelter anything that would be a deviation from the idolatry positions to the ‘original text’. Examining the ways in which such terms are used, especially in Brazil, can help us to rethink their definitions and limits.

Keywords: Adaptation; Translation; Definition; Literature; Film.

O convite para participar da mesa-redonda “Tradução e adaptação: onde estão as fronteiras?”, na abertura da 4ª Jornada de Tradução e Adaptação, representou para mim uma excelente oportunidade para rever os conceitos de adaptação e tradução na forma como são usados e também sua inter-relação.¹ Os dois termos têm feito parte integral de minha vida acadêmica, como pesquisador na área de Teorias da Adaptação e como tradutor profissional.

O meu ponto de partida é uma colocação de Tom Leitch que se encontra em um texto interessantíssimo publicado na *Literature/Film Quarterly* em 2018, no qual são expostas as concordâncias e divergências entre ele e Patrick Catrysse quanto às questões que estamos abordando:

A maioria das pessoas que conheço que sonham com uma terminologia comum presume que outros estudiosos adotarão seus termos, e não o contrário. Ainda assim, não podemos deixar de trabalhar em prol de termos e protocolos comuns, mesmo que seu principal efeito seja aumentar nossas diferenças substantivas, porque a alternativa seria babel e caos. O ponto de partida óbvio para estudiosos de adaptação seria uma definição comumente aceita de adaptação, mas esse é o mesmo termo que a maioria dos estudiosos que não são Linda Hutcheon relutam em definir e quase não têm sucesso em suas tentativas de fazê-lo (CATRYSSSE; LEITCH 2018:sp; tradução minha).

A colocação de Leitch nos faz perceber a fascinante tarefa que nós, pesquisadores das áreas de adaptação e de tradução, temos na busca de estabelecer definições operacionais que possam efetivamente contribuir para o estabelecimento de um diálogo profícuo entre ambas. E não há dúvida que existe todo um conjunto de confluências e justaposições entre os dois termos, nas diversas modalidades em que são empregados.

¹ Agradeço aos colegas Nilce Maria Pereira e John Milton pelo convite.

TradTerm, São Paulo, v.44, junho/2023, p.11-20

Número Especial - IV Jota

www.revistas.usp.br/tradterm

Esta rápida reflexão pode nos levar a uma das mais evidentes dessas confluências entre adaptação e tradução: a avaliação de traduções, entendidas como operações de transformação entre textos de duas línguas diferentes, ainda se orienta pelo desejo utópico de realização plena de ‘fidelidade’. Diante da percepção da impossibilidade de se alcançar a ‘fidelidade absoluta’, termo claramente redundante, tradutores e teóricos optam por rotular todo ‘desvio’ do original como ‘adaptação’.

Em minha opinião, a noção que o senso comum tem do que é ‘adaptação’ é absurdamente variada e, portanto, imprecisa. Veja-se, por exemplo, a maneira como o termo é usado no expediente de narrativas gráficas do gênero de super-heróis no Brasil: sempre há nome de um tradutor/tradutora e de alguém que faz a ‘adaptação’. Tive a oportunidade de conversar com muitos editores brasileiros de HQ e, quando indagados sobre o que envolve a adaptação, a resposta sempre foi pouco clara, evasiva e, algumas vezes, apontava para procedimentos textuais semelhantes ao que poderíamos chamar de revisão ou copidesque. Nesse caso, ‘adaptação’ se mostra com um sentido vago, que se dissemina e contribui enormemente para a cristalização de um significado que se revela um desserviço para o debate terminológico.

Essa variação de formas de uso encontra respaldo dentro do próprio campo teórico que pensa a adaptação. Por exemplo, Robert Stam, em sua introdução ao compêndio *Literature and Film: A Guide to the Theory and Practice of Film Adaptation* (2005) aponta para a existência de

um arquivo repleto de tropos e conceitos para explicar a mutação das formas através das mídias: adaptação como leitura, reescritura, crítica, tradução, transmutação, metamorfose, recriação, transvocalização, ressuscitação, transfiguração, atualização, transmodalização, *signifying* [significação denotativa-conotativa], performance, dialogização, canibalização, reinvenção, encarnação ou reacentuação (STAM 2005: 25; tradução minha).²

Na mesma linha de raciocínio, Julie Sanders, em seu aclamado (e controverso) *Adaptation and Appropriation* (2006: 3; tradução minha) lista

² “A well-stocked archive of tropes and concepts to account for the mutation of forms across media: adaptation as reading, rewriting, critique, translation, transmutation, metamorphosis, recreation, transvocalization, resuscitation, transfiguration, actualization, transmodalization, signifying, performance, dialogization, cannibalization, reinvention, incarnation, or reaccentuation”.

“variação, versão, interpretação, imitação, aproximação, suplemento, incremento, improvisação, prequência, sequência, continuação, adição, paratexto, hipertexto, palimpsesto, enxerto, reescritura, refeitura, remodelação, re-visão, reavaliação”.³ Apesar de até mesmo se valer de termos consagrados por Gérard Genette (paratexto, hipertexto) nesse grande rol de metáforas, Sanders curiosamente não lista ‘tradução’, termo que ocupa espaço mínimo em sua discussão.

Por outro lado, quando olhamos o uso que os teóricos do campo de estudos da tradução fazem do termo ‘adaptação’, a imprecisão é ainda maior.

Uma das primeiras e relevantes contribuições para discutir a relação entre os dois termos encontra-se no ensaio “Adaptation, Translation, Critique” (2007), de Lawrence Venuti. Apesar do foco ainda limitado ao vetor tradicional (literatura → cinema), Venuti traz reflexões importantes para o debate, em especial a ideia de abandono do “modelo comunicativo de tradução”, que seria substituído por uma abordagem “hermenêutica”. Essa proposta, por instigante que seja, não impede Venuti de continuar a tratar “adaptação” como procedimento dentro do processo tradutório ou mesmo como forma revisionista de reescrita (VENUTI 2013:150). E em trabalho mais recente desse autor, *Contra Instrumentalism: A Translation Polemic* (2019), o termo ‘adaptação’ é usado como procedimento autônomo, diferenciado de tradução.

John Milton, no verbete “Adaptation” presente no primeiro volume do *Handbook of Translation Studies* (2010:3), afirma que a terminologia na área de adaptação é “extremamente confusa”. Na verdade, a ‘confusão’ se instaura, a meu ver, pela imprecisão nas definições. Por exemplo, o conceito de ‘adaptação’ incluído na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2nd ed. 2009: 3), escrito por Georges Bastin, trata a adaptação como uma operação ocorrida dentro do procedimento tradutório: um grupo de intervenções resultando em um texto que não é geralmente aceito como uma tradução, mas, ainda assim, é reconhecido como representante do texto fonte.

³ “Variation, version, interpretation, imitation, proximation, supplement, increment, improvisation, prequel, sequel, continuation, addition, paratext, hypertext, palimpsest, graft, rewriting, reworking, refashioning, re-vision, re-evaluation”.

Já no *Routledge Companion to Translation Studies* (2009), adaptação é apresentada em duas acepções: a primeira, como forma especial de tradução, e a segunda, seguindo a definição proposta no modelo de Vinay e Darbelnet em 1958, ou seja, como “um tipo especial de equivalência” pelo qual se atinge “o limite extremo da tradução” (1995: 39). O autor do verbete, Jeremy Munday, chega a afirmar que, independentemente de poder ser considerada como uma “forma de tradução”, a adaptação requer “critérios diferentes para a avaliação de sua equivalência com a fonte” (2009:166).

Aqui se encontra um ponto fulcral que, no meu entender, define como a adaptação é (mal)vista: ela representa o desvio, a mudança radical, a alteração, o rasgo, a faca no peito do pai-texto original, que deveria ser intocável, imutável e para o qual se deve... fidelidade.

Nesse sentido, proponho que o conceito de adaptação na forma usada nos Estudos de Tradução é apenas a construção de uma zona de conforto buscando minimizar os efeitos incômodos das ‘infidelidades’ ocorridas na tradução (interlingual) dos textos. Assim, a adaptação é o lugar da permissão do desvio, da autorização da criação, o lugar no qual profissionais e estudiosos da tradução encontram alívio para o fardo de não elaborarem (ou comentarem sobre) um texto-alvo que só pode ser considerado equivalente ao texto fonte por meio de ‘critério diferente’ de avaliação, visto que o texto considerado adaptação cruzou de maneira incisiva (e, a princípio e por princípio, insuportável) os limites do aceitável para a fantasiosa manutenção da fidelidade. ‘Adaptar’ ao traduzir é colocar-se em um espaço em que o “jogo de forças deformadoras é livremente exercido” (BERMAN 2012: 242).

Note-se que mesmo a utilização do termo ‘adaptação’ usado para uma ‘simplificação’ de grandes obras literárias⁴ me parece inadequada. Ela serve para dizer “Este texto, de um grande autor canônico, foi adequado para determinada faixa etária, permitindo o contato de jovens leitores com os ‘clássicos’”. Trata-se, no limite, da criação da mesma zona de conforto para os

⁴ Objeto de estudo de meu colega Lauro Amorim, em seu livro *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling* (2006).

jovens leitores, que agora podem ler as ‘grandes obras’. Por que não usar ‘recontar’ em vez de ‘adaptar’? Não é isso o que, em última análise, é feito?

Assim, minha concepção de adaptação me leva a rejeitar o termo quando empregado como procedimento no âmbito da prática tradutória. Entre dezenas de exemplos possíveis, vamos pensar na tradução de *Pygmalion*, de Bernard Shaw, feita por Miroel Silveira e publicada em 1955. Toda a ambientação original da peça (Londres, início do século XX) é reconstruída no Rio de Janeiro. Esse é o tipo de procedimento que facilmente receberia a chancela de ‘adaptação’, ainda que a opção de Silveira seja, na verdade, apenas uma opção de tradução, diga-se de passagem, pela qual ele foi acusado de banalização da obra de Shaw (BORGES 2014:14). Essa ‘adaptação’, essa forma de traduzir, enquadra-se perfeitamente na noção de ‘domesticação’ de Venuti (2008). E exatamente essa noção pode corroborar a ideia de que o ‘adaptar’, para os profissionais de tradução, significa ultrapassar os obstáculos tradutórios por meio da construção de um ‘ambiente’ confortável que, embora afastado do ‘texto original’, se permite existir por não se tratar de tradução, mas de uma ‘adaptação’.

Por sua vez, o termo ‘tradução’ surge nos estudos de adaptação continuamente como uma metáfora, mas quase nunca como um procedimento. Uma das propostas que tenta fazer uso operacional do termo encontra-se em *Literature into Film: Theory and Practical Approaches* (2014), de Linda Constanzo Cahir. A autora procura se afastar do termo ‘adaptação’, ao analisar a transformação de romances em filmes, preferindo ver o processo como ‘tradução’, estabelecendo inclusive uma tipologia tripartite (tradução literal, tradução tradicional e tradução radical) semelhante a outras na história dos estudos de adaptação (ver, por exemplo, WAGNER 1975; ANDREW 1984). Essa “tendência taxonômica” (LEITCH 2008: 64) mais e mais expõe o caráter limitado e limitador de quaisquer tentativas de categorização, visto que o constante surgimento de narrativas em suportes textuais diferentes torna mais e mais evidente que não há sentido no estabelecimento de uma “tipologia de adaptação” (HATTNER 2013: 37).

Neste ponto, para além da utilização de ‘tradução’ como metáfora de adaptação (intersemiótica), percebemos que, quando o senso comum fala dessa

adaptação, a mesma régua usada para avaliar as traduções é aplicada. E aqui eu abro um parêntese para pensar que, embora tradução possa ser um tropo, uma metáfora de adaptação, a inversa parece não ser verdadeira, uma vez que a adaptação acaba por representar um ‘tipo especial’ de tradução. Enunciados como ‘O filme não foi fiel ao livro’, ou ‘Um bom romance não gera um bom filme, mas um mau romance pode gerar um bom filme’, ou ‘Nada disso aconteceu na narrativa gráfica’ revelam que a maneira como se enxerga as adaptações é orientada pelos mesmos valores que regem a avaliação de traduções.

Por outro lado, parece-me dado facilmente verificável que a grande maioria dos espectadores de filmes que de fato são adaptações não têm a menor ideia do que esteja envolvido no procedimento. Esses filmes sequer são vistos como ‘adaptações’. É bem verdade que, apesar desse desconhecimento, pode-se notar, com muita regularidade, o fenômeno que venho chamando de TPA - Tensão Pré-Adaptação. Tal angústia é alimentada pelo sentimento de ‘posse’ que o público tem em relação a determinados textos em suportes específicos. Uma colega tradutora quase teve uma síncope ao saber sobre a possível adaptação de *Cem anos de solidão* para uma série televisiva produzida para o canal de *streaming* Netflix. O romance de Gabriel Garcia Márquez era seu livro favorito de todos os tempos e, em sua concepção, seria uma heresia transformá-lo em qualquer outra arquitetura textual. Essa postura revela claramente a noção pessoal de intocabilidade dos textos, o que contribui para as visões negativas sobre adaptação entre suportes diferentes. Como afirmei em outra ocasião, posso não gostar de uma adaptação, porque quero ver **a minha** adaptação na tela. No entanto, o processo, em si, não pode ser visto de forma a inferiorizar, por extensão, todos os produtos dessa natureza. (HATTNER 2010: 150).

Curiosamente, não me parece haver uma TPT - Tensão Pré-Tradução (no máximo uma ligeira EPT - Expectativa Pré-Tradução), ainda que os leitores (ou parte deles) possam criticar duramente determinadas traduções. Isto nos faz lembrar uma afirmação de Linda Hutcheon (2006: 123): “Quanto mais radicais

são os fãs, maior o potencial para ficarem desapontados”⁵. A recepção no Brasil tanto das traduções quanto das adaptações fílmicas de *Harry Potter* atesta a verdade dessa afirmação.

Isso dito, quero apresentar minha concepção: adaptação é a recriação, reconstrução, remodelação, quem sabe até tradução, **que se dá entre arquiteturas textuais distintas**: romances para filmes, filmes para narrativas gráficas, narrativas gráficas para videogames, videogames para filmes, e assim por diante. Note-se aqui que poderíamos ampliar extensivamente a lista de possíveis (re)combinações, mas parece-me importante falar e discutir cada vez mais o que se poderia chamar de ‘texto/gênero não canônico’ e que alguns comentaristas chamariam de ‘baixa cultura’. Olhar para a adaptações em arquiteturas textuais que fogem ao que chamo de “vetor convencional” (romance-filme) (HATTNER 2016: 31) abre inúmeras portas não só para um universo de textos de imensa qualidade, mas também para a possibilidade de repensarmos os processos, distintos no meu entender, de adaptação (intersemiótica) e de tradução (interlingual), pois, à medida que surgem mais possibilidades de recombinação dos vetores envolvidos no processo de adaptação entre arquiteturas textuais distintas, a própria definição de adaptação deverá ganhar novos contornos, mais adequados à realidade de acesso multitextual do século XXI.

Referências

- AMORIM, L. M. M. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no país das maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ANDREW, D. *Concepts in film theory*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- BASTIN, G. “Adaptation”. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. 3rd ed. New York: Routledge, 2009: p. 10-14.

⁵ “The more rabid the fans, the more disappointed they can potentially be”.

TradTerm, São Paulo, v.44, junho/2023, p.11-20

Número Especial - IV Jota

www.revistas.usp.br/tradterm

- BERMAN, A. "Translation and the trials of the foreign". In: VENUTI, L. (ed.). *The translation studies reader*. 3rd ed. London; New York: Routledge, 2012: 240-253.
- BORGES, G. P. R. *Especificidade cultural e linguística no teatro em tradução: The Lover (1963) de Harold Pinter para o público brasileiro*. 2014. Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso Letras - Tradução (português-inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CAHIR, L. C. *Literature into film: theory and practical approaches*. Jefferson, NC: McFarland & Company, 2006.
- CATRYSSSE, P.; LEITCH, T. "A dialogue on adaptation". *Literature/Film Quarterly*, v. 46, n. 3, 2018.
https://lfq.salisbury.edu/_issues/46_3/a_dialogue_on_adaptation.html. Acesso em: 18 abr. 2023.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsests: literature in the second degree*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.
- HATTNER, Á. L. "Quem mexeu no meu texto? Observações sobre literatura e sua adaptação para outros suportes textuais". *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.16, p. 145-155, 2010.
- _____. Literatura, cinema e outras arquiteturas textuais: algumas observações sobre teorias da adaptação. *Itinerários*, Araraquara, n. 36, p. 35-44, jan./jun. 2013.
- _____. "Invertendo os vetores: filmes gerando literatura". In: NIGRO; C. M. C.; SCHEEL, M. (org.). *Entre palavras e imagens: literatura, cinema e outras artes*. São José do Rio Preto: Laboratório Editorial IBILCE, 2016: 14-33.
- HUTCHEON, L. *A theory of adaptation*. New York: Routledge, 2006.
- LEITCH, T. "Adaptation studies at a crossroads". *Adaptation*, v. 1, n. 1, p. 63-77, 2008.
- MILTON, J. "Adaptation". In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. (ed.) *Handbook of translation studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2010: v.1, 3-6.
- MUNDAY, J. (ed.). *The Routledge companion to translation studies*. London: Routledge, 2009.
- SANDERS, J. *Adaptation and Appropriation*. London: Routledge, 2006.
- STAM, R. "The theory and practice of adaptation". In: STAM, R.; RAENGO, A. (ed.). *Literature and Film: A Guide to the Theory and Practice of Film Adaptation*. Malden, MA: Blackwell, 2005: 1-52.
- VENUTI, L. "Adaptation, translation, critique". *Jornal of visual culture*, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, v.6, n.1, p. 25-43, 2007.
- _____. "The Translator's invisibility: a history of translation". 2nd ed. London; New York: Routledge, 2008.

- _____. *Translation changes everything: theory and practice*. London; New York: Routledge, 2013.
- VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. *Comparative Stylistics of French and English: a methodology for translation*. Trad. e editado Juan C. Sager M.-J. Hamel. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- WAGNER, G. Three modes of adaptation. In: _____. *The Novel and the Cinema*. Rutherford: Farleigh Dickinson University Press, 1975: 219-231.